

O Ensino de História e as Tecnologias de Informação e Comunicação: O Estudo da Religiosidade Colonial Brasileira Através da Construção de um *Blog*

Camila da Silva Telles (*)

Luciana Borges Patroclo (**)

Apresentação

Nas últimas décadas tem-se ampliado o debate sobre os rumos da Educação Brasileira. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997, p. 6), entre os seus principais desafios está o de “apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres”. Nesse panorama, a metodologia e os temas pertencentes ao currículo de História também passaram a ser analisados e questionados. Instituído-se a necessidade de uma reflexão sobre a forma como os conteúdos são apresentados e trabalhados com os alunos e no modo como eles lidam com o processo de construção do conhecimento.

No campo da História, essa perspectiva recai sobre a disciplina por meio da busca de métodos de produção e circulação de informações que estejam além da memorização de datas e de fatos históricos. Um dos aspectos apontados, na atualidade, é a necessidade do estabelecimento de relações entre o conhecimento adquirido em sala de aula e aqueles provenientes das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), por exemplo, a internet. Nesse contexto, deve ser observada a busca por conceder ao aluno o papel de protagonista na construção do pensamento crítico, levando-o a refletir sobre os acontecimentos atuais, sobre a sua participação na sociedade enquanto sujeito totalmente capaz de transformar o meio em que está inserido (Bressoux, 2003).

Na contemporaneidade, a sociedade vivencia o processo de consolidação de novas relações econômicas e sociais provenientes do processo de globalização. Esse panorama se

(*) Professora do Centro de Ensinos Intensivos de Niterói e graduada em História pela Universidade Gama Filho.

(**) Doutoranda em Educação pela PUC-Rio e graduada em História pela Universidade Gama Filho.

caracteriza pela instituição de novas percepções de distâncias e fronteiras; principalmente uma nova concepção de temporalidade. Com a popularização das TIC, os indivíduos passaram a se comunicar e a trocar experiências através da tela do computador.

De acordo com Castells (2000, p. 50) essa dinâmica está inserida na chamada Revolução da Informação, na qual sua base de transformação está situada na produção e transmissão de conhecimento com o intuito da “geração de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso”. A grande quantidade de conteúdos disponíveis em rede instituiu no ciberespaço uma relação de tempo baseada no presente contínuo, no qual sempre há uma nova informação a ser explorada. Segundo Barreto (2009) esse panorama acarreta na inovação das formas de mediação junto às tecnologias digitais e que, por consequência, acabam por interferir na produção de conhecimento, inclusive, o escolar. Como salienta Pretto (1999), esses novos paradigmas acarretaram no estabelecimento de novas problemáticas na área educacional.

Nesse contexto, Lévy (1999) aponta para a necessidade da constituição de uma nova relação com o saber, baseada no reconhecimento das experiências adquiridas pelos indivíduos junto aos múltiplos meios de comunicação. Implica, principalmente, na releitura das metodologias de ensino, como no caso da História, na qual as tecnologias de informação não se constituem apenas em recursos, mas sim em veículos nos quais alunos e professores possam produzir e estabelecer a circularidade de suas fontes e pesquisas.

A instituição da Cibercultura, caracterizada pelas relações de multiplicidade e de fragmentação entre os indivíduos, resultou em uma nova lógica informacional de rompimento com a linearidade das práticas de leitura. Neste contexto, percebe-se que a narrativa atual “se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente” (Lévy, 1999, p. 15). Esse cenário propiciou a emergência de um produto textual que aglutina as características estruturais e relacionais das Redes mundiais, o hipertexto. Ele é constituído por vários links, que permitem ao usuário estabelecer um modo próprio de compreensão textual. O usuário pode clicar em uma imagem ou palavra, e estas podem gerar outras narrativas complementares de forma instantânea.

A constituição de novos modos de relacionamento com o espaço narrativo no ambiente de Rede também foi influenciado pela ampliação do acesso de aparatos técnicos, como câmeras e celulares equipados com gravadores de som e imagem. A criação de *blogs*, *fotoblogs* e *sites* como a *Wikipédia* e o *You Tube* permitiram aos indivíduos a possibilidade de terem um papel mais ativo no processo de circulação da informação (Costa, 2005).

Ademais, a popularização e o barateamento das novas tecnologias de informação acarretaram no surgimento de fontes plurais de aquisição de conhecimento. Situação que levou as instituições de ensino a se depararem com uma “certa concorrência”, considerando-se um aspecto relevante como o fato dos próprios alunos levarem a linguagem presentes nesses recursos tecnológicos para o cotidiano escolar. Em algumas situações, as informações provenientes da internet, se tornam o assunto principal das conversas dos estudantes. Muitas vezes, chamando mais atenção que o conteúdo apresentado em sala de aula. Essa perspectiva acaba por apontar para a necessidade de que “a escola precisa se deslocar das concepções de ensino/aprendizagem, nas quais o livro e ela própria se configuram como únicas possibilidades de aquisição do conhecimento e da cultura” (cf. Mamede-Neves e Duarte, 2008, p.782). Destaca-se, assim, a necessidade de repensar as práticas de ensino.

Seguindo essa problemática, Almeida e Grinberg (2009, p.202) afirmam que o desenvolvimento metodológico se encontra no cerne das problemáticas que abordam a relação entre o ensino de História e as Tecnologias de Informação e Comunicação. Em suas palavras:

Essa renovação, no entanto, ainda não encontrou grande correspondência na metodologia de ensino da disciplina. Mesmo com a incorporação dos novos temas e abordagens atualmente estudados pela historiografia brasileira, o modo como esses conteúdos vem sendo apresentados aos alunos ainda segue sendo o mesmo de tempos atrás, isto é, através de aulas expositivas, ainda que ajudadas e ilustradas pelas chamadas novas tecnologias (vídeos, CD-ROMs-internet etc.).

Para que essas propostas de mudanças nas práticas didáticas do ensino de História possam ser realizadas, torna-se importante que o professor esteja preparado para compartilhar seu espaço do conhecimento com o dos seus alunos. Nesse contexto, o docente também passa a exercer a função de mediador do conhecimento, pois ele se torna o responsável pelo desenvolvimento das metodologias de ensino de História. Como observa Forquin (1992), é no contexto da estruturação do seu trabalho que o professor pode estabelecer aspectos de diferenciação frente ao currículo formal da disciplina. O autor reforça que o método é uma

Diretoria de Educação Superior/Faetec/SECT-RJ

característica específica da cultura escolar. Devendo ser observado que o processo de transmissão do conhecimento não se constitui em um fenômeno constante e uniforme, mas que pode variar em suas formas e em sua intensidade, de acordo com os diferentes tipos de sociedades, de públicos escolares e de níveis de ensino.¹

Partindo-se desses pressupostos, o presente artigo apresenta o processo de desenvolvimento do *blog Pluralidade Cultural Religiosa*.² Ele foi criado com o propósito de abordar junto aos alunos do Ensino Médio a temática da religiosidade popular no Brasil colonial, com destaque para o século XVIII. O *blog* tem como objetivo central desafiar e estimular aos jovens estudantes à prática da pesquisa, para que se tornem indivíduos ativos no processo de formação do conhecimento.

Um tema para o *blog*: a religiosidade no Brasil colônia

Nas salas de aula encontram-se pessoas diferentes, com princípios morais pautados em acordo com a formação que tiveram e com os elementos religiosos quase sempre presentes e correspondentes à sua formação familiar. Por conta disto é importante levar o aluno ao conhecimento da gênese da cultura religiosa brasileira, que é reconhecidamente singular, relacionando-a às religiões que temos hoje. Impõe-se a necessidade de compreender o outro atrás de seus véus e templos, rituais e orações. Entender os aspectos e a originalidade das religiões, as suas formas de mobilização e como se situam no tempo e no espaço: são tarefas urgentes dos professores e educadores preocupados com a tolerância fundamental para o respeito entre as pessoas.

O discurso voltado para a diversidade cultural é bastante atual, mas, mesmo assim, livros relativamente novos não abordam o tema. De acordo com as diretrizes presentes no PCN (1997), a pluralidade cultural corresponde às características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional. Aparece relacionada nos seguintes pontos: a questão da identidade individual e coletiva; a tensão entre o global e o

¹ De acordo com Forquin, a existência de uma flexibilidade curricular está vinculada ao chamado *imperativo didático*. Um aspecto abordado é a existência de um currículo real vivenciado em sala de aula, frente ao chamado currículo formal. É nesse espaço que o professor pode privilegiar algum conteúdo em detrimento de outros, além de trabalhar com outras fontes que possam complementar o assunto a ser ensinado.

² Esse *blog* foi desenvolvido pela autora e professora Camila da Silva Telles e se constitui em um dos recursos didáticos e metodológicos apresentados em 2010 no Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Gama Filho, denominado *Aprendendo a viver junto: pluralidade cultural religiosa e ensino de história*. Ele está disponível em: www.pluralidadeculturalreligiosa.blogspot.com

local (demarcação das pluralidades); a tensão entre a cultura local e os processos produtivos. Além disso, a diversidade também é apresentada como marca cultural do país, como uma singularidade adquirida a partir de sua constituição histórica peculiar. Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (1999), é fundamental introduzir os alunos no contexto da pluralidade cultural da sociedade, a fim de questionarem a realidade social em que se encontram, estabelecendo relações de diferenças e semelhanças, de permanências e mudanças ao longo dos processos históricos.

A escolha de se trabalhar com os alunos a pluralidade no período do Brasil colonial nos séculos XVII e XVIII se baseou nas manifestações plurais datadas desses dois séculos. Como salienta Souza (2009) quanto mais à colonização avançava, mais o sincretismo se enraizava. Frequentemente somos levados a desconsiderar a vida cotidiana dos habitantes do Brasil dos primeiros séculos de sua existência, mas a religião no período colonial guarda práticas sincréticas que nos foram legadas, preservando, ainda que inconscientemente, sua memória. Sabe-se que o catolicismo implantado na colônia foi de responsabilidade, em um primeiro momento, dos jesuítas, aos quais cabia a expansão da fé católica, além da catequização de índios e depois de negros. A historiografia já apresenta estudos relativos às falhas na organização e na fluidez da religião cristã imposta no Brasil.

Na verdade, o Concílio de Trento (1545-1563)³, apesar de ter representado o ápice da cristandade, não colocou o Novo Mundo no centro de suas preocupações imediatas, o que explica a falta de rigidez ante os preceitos da fé católica na colônia portuguesa da América e a disseminação de práticas de feitiçaria e ocultismo, tão combatidos pela então Religião Oficial (Baigent e Leigh, 2001).

Introduzido no Brasil no ano de 1549, pelos jesuítas, o catolicismo brasileiro se constituía de acordo com a organização do Padroado o qual dava à Coroa portuguesa a responsabilidade sobre as missões católicas, bem como sobre as instituições eclesiásticas na colônia. Porém, a organização religiosa católica no Brasil se deu de forma lenta, diferindo, por exemplo, do que ocorreu na América Espanhola que contou com uma sólida formação eclesiástica junto à administração metropolitana. A fragilidade dessa administração religiosa no Brasil somada à multiplicidade cultural se tornou um viés de explicação para o tema da religiosidade colonial (Hermann, 1997).

³ O Concílio de Trento desempenhou um papel crucial para Igreja Católica e o Papado. Ele tinha entre os seus principais objetivos manter a unidade da instituição e combater as consequências da Reforma Protestante.

Roger Bastide (1980), por exemplo, afirma ser o sincretismo uma característica específica dos países que conheceram a escravidão e que, portanto, misturavam raças e povos coexistindo diversas etnias em um mesmo lugar. O branco trouxe suas próprias crenças e estas deveriam ser ensinadas aos dominados, já que estes não teriam condições de aprender o que era “civilizado” e “verdadeiro” sozinhos. Apesar dos esforços, tais valores não se sobrepuseram, sendo na verdade filtrados pelos seus receptores. Essa filtragem gerou o que podemos chamar de sincretismo religioso, “que ocorreu ao longo dos três séculos coloniais [e] foi a contrapartida espiritual da miscigenação que ocorreu no plano social” (Wehling e Wehling, 1999, p.248).

Em sua obra, Bastide (1980) engloba a gênese das religiões afro-brasileiras como o Candomblé, fazendo uma ponte entre seu surgimento e suas representações mais contemporâneas. Ele aborda ao mesmo tempo, que o Catolicismo também se constitui como agregador de características, sobretudo africanas em seus ritos. No início do século XVIII, foram também registrados interpenetrações entre catolicismo e cultos africanos. A expansão acelerada das fazendas de cana-de-açúcar em certas regiões do país obrigou aos colonos a procurarem mão-de-obra mais abundante que a dos índios, acarretando o desenvolvimento do tráfico negreiro. Obrigados a adotar a religião do senhor, os escravos africanos eram batizados à força e não tardaram a utilizar o catolicismo para dissimular a conservação de suas crenças (Queiroz, 1985).

A religião africana vivida pelos escravos negros no Brasil tornou-se diferente da de seus antepassados. Isto se dava principalmente porque os negros vinham de diversas regiões do continente africano, onde as práticas variavam de região para região. Ainda no primeiro século de sua existência a colônia já veria a proliferação de santidades sincréticas (Souza, 2009).

Além disso, coexistia na colônia um catolicismo mais rígido, apregoado pelos jesuítas, sobretudo, e um catolicismo mais popular, que abarcava o povo com suas romarias e procissões. Certas atividades mágicas permaneceram inalteradas durante todo o período colonial, criando um imaginário coletivo único: eram bruxas que saíam em forma de demônios para minguar crianças; feiticeiros locais produzindo as mais diversas receitas mágicas; até mesmo padres se deixavam levar pelas tentações apresentadas nesse ambiente “pecaminoso” e “pervertido”, se utilizando das práticas de feitiços mais corriqueiras da colônia.

É importante salientar que toda essa conjuntura religiosa de mistérios e rituais considerados ocultos e hereges, na verdade, estava atrelada à busca de realizações das exigências cotidianas, como rezas para a cura de doenças normalmente manipuladas pelos índios, aos quais se atribuía o conhecimento de ervas curativas. Eram comuns também feitiços para conseguir paixões consideradas impossíveis ou para proteção. Havia ainda os contra-feitiços, que procuravam desfazer aqueles encomendados por inimigos. A feitiçaria colonial, portanto, refere-se à esfera mais pobre da sociedade. Na falta de explicações naturais, o homem recorria às sobrenaturais.

Toda a gama de culturas e tradições foi se modelando e remodelando ao longo dos séculos e alcançando gerações. Não se trata de desconsiderar toda a conjuntura econômica, mas compreender as relações a partir de outro viés, o qual nos permite enxergar que apesar das condições adversas, as expressões culturais não sucumbiram. É importante perceber que não estamos tratando aqui apenas de expor as práticas de feitiçaria, mas de mostrar ao aluno como negros e índios resistiram à condição de escravidão mantendo características dos seus hábitos culturais e como, a partir dessa resistência, ainda que secreta em muitos casos, deu origem mais tarde às religiões afro-brasileiras; manifestações cristãs com elementos indígenas e africanos; Irmandades Negras; Igrejas Católicas com santos negros dentre outros (Knauss, 2001). A partir desses elementos é possível concluir que a produção do saber histórico evidencia-se como instrumento de leitura do mundo e não mera disciplina.

A relevância deste trabalho se dá, portanto, na proposta pedagógica de inserção dos alunos no contexto colonial a fim de levá-los a conhecer o universo cultural do período e seus sujeitos anônimos, dando-lhes o aparato para a observação e a crítica das assimilações, das permanências e continuidades na nossa sociedade, trabalhando conceitos atuais de sincretismo religioso.

Segundo o PCNEM (1999), na História vista como um processo, os acontecimentos sociais são resultantes de um conjunto de ações humanas interligadas, de duração variável, sucessivas e simultâneas, em vários espaços do convívio social, motivadas por desejos ou necessidades de mudanças ou de resistência, pela busca de soluções de problemas que acontecem por disputas ou confrontos entre grupos de indivíduos. Sendo assim, não podemos atribuir a apenas uma pessoa, ou um grupo de pessoas o que acontecia na colônia, já que as mesmas práticas que eram condenadas por muitos, funcionavam como recurso quando os rituais tradicionais não atingiam seus objetivos.

O tema das religiosidades no que diz respeito à historiografia brasileira, passou a ser observada a partir de análises depreciativas por parte dos cientistas sociais do Brasil. Durante muito tempo o tema não esteve arrolado entre os principais, deixando de merecer atenção especial para a compreensão da História do país. No entanto, a historiografia contemporânea tem se voltado cada vez mais para os estudos referentes ao campo da religiosidade brasileira. Alguns autores têm se detido a pesquisas mais direcionadas, como por exemplo, ao estudo de festas religiosas tradicionais de certas regiões do país.

O blog *Pluralidade Cultural Religiosa* como metodologia de ensino

A criação e o desenvolvimento do *blog Pluralidade Cultural Religiosa* é fundamentada na perspectiva de que a prática no ensino da História deve ser construída por meio da troca de informações e conhecimento entre professores e alunos. Entre os diversos recursos tecnológicos disponíveis na internet, como as redes sociais, optou-se pela feitura de um *blog*, em razão de ele possibilitar um acesso fácil para quaisquer pessoas interessadas em História e na temática da religião. Os visitantes da página não precisam estar inscritos na mesma para usufruírem do seu conteúdo. Além disso, o *blog* se caracteriza como uma espécie de diário que permite a sua fácil atualização e uma postura de proximidade entre seus produtores e leitores. Desse modo, o projeto se apóia nos seguintes objetivos:

- Desenvolver nos alunos o estabelecimento das relações entre continuidade/permanência e ruptura/transformação dos processos históricos e culturais das religiosidades, a partir da sociedade colonial até os dias atuais.
- Construir a identidade pessoal e social na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo como sujeito e como produto dos processos históricos, considerando a pluralidade cultural, logo, o respeito entre todos.

O aspecto teórico-metodológico utilizado para a realização dessa atividade é baseado no documento *Educação, um tesouro a descobrir* (1996)⁴. Sua metodologia de ensino é baseada em quatro pilares da educação: *aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver junto e aprender a ser*. Dessa forma, o processo educativo passa a se caracterizar pelos

⁴ Esse documento faz parte do relatório criado pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, da UNESCO, cujo conteúdo foi organizado pelo político francês e ex-presidente da Comissão Europeia Jacques Delors. Disponível: <http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>. Acesso em: fev. 2010.

saberes e pelo saber-fazer evolutivo adaptado à civilização cognitiva, pois são a base das competências do futuro.

O *Aprender a conhecer* acompanha o significado de oportunizar a descoberta do mundo como espaço de crescimento e aprendizagem constante. Antes mesmo de apreender o conhecimento é necessário *aprender a aprender*, que se dá pelo exercício da atenção, da memória e do pensamento. O aumento dos saberes se fundamenta no despertar da curiosidade intelectual e no pensamento crítico. Além disso, é um processo que não termina, pois pode enriquecer-se por meio de quaisquer experiências.

Nesse contexto, o *Aprender a fazer* quer dizer fazer de diferentes formas, de maneira que não nos prendamos a um único meio de se chegar aos resultados desejados, isto é, promover um leque de competências que levem o educando a uma qualificação cada vez melhor. Inclui também trabalhar conjunta e harmoniosamente inserindo o indivíduo no contexto das exigências do mercado de trabalho, pois, conforme os anos passam, as necessidades de aperfeiçoamento e capacitação tornam-se maiores e mais seletivas.

Aprender a viver junto implica colocar-se no lugar do outro para sentir desejos, frustrações, angústias etc. Para a educação, esse é um dos maiores desafios enfrentados nos dias de hoje. Segundo a Comissão Internacional sobre a Educação da Unesco, a tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os indivíduos têm tendência a supervalorizar suas qualidades e as do grupo a que pertencem, além de alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. A saída encontrada se faz em dois níveis: a descoberta progressiva do outro e a participação em projetos com objetivos comuns. O primeiro nível tende a trabalhar o conhecimento das diversidades levando em consideração as semelhanças e interdependências entre todos. O segundo nível deseja amenizar ou até mesmo pôr fim aos conflitos provenientes das diferenças entre as pessoas por meio de projetos motivadores com objetivos comuns.

Ademais, a dimensão do *Aprender a ser* endossa a ideia de uma educação que contribua para o desenvolvimento total da pessoa. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Enxergando a si mesmo como sujeito de capacidades múltiplas e como sujeito de relações, o educando tem condições de desenvolver-se de forma mais significativa. Destes

quatro pilares do conhecimento, um nos cabe de forma específica que é o *aprender a viver junto*. O tema proposto neste trabalho busca não apenas apresentar o contexto histórico colonial, mas gerar no aluno o aprendizado de crenças e costumes de outros indivíduos para que se torne possível a convivência e o respeito entre todos.

A escolha da realização desse projeto junto aos alunos do Ensino Médio está assentada na perspectiva de que o ensino de História nesse período se constitui em um meio para apreensão de competências e habilidades e que deve permitir aos educandos analisar e interpretar as situações concretas da realidade vivida. Assim, a seleção do tema da pluralidade religiosa procurou responder às problemáticas vividas pela sociedade, tais como discriminações étnicas e culturais, analfabetismo etc.

Seguindo esses propósitos, o material presente no *blog* deve ser pesquisado e produzido pelo aluno, considerando a importância da mediação do professor. Por essa razão, o processo de realização do *blog* foi dividido em algumas etapas, quais sejam:

- *Contextualização*: O primeiro passo instituído é a realização de uma contextualização sobre o tema e o período histórico a ser trabalhado em sala de aula. O objeto de estudo será a sociedade colonial do século XVIII, abordando o tema da religiosidade colonial enfatizando as especificidades da cultura religiosa dos povos da época. Serão trabalhados: religiões africanas, práticas consideradas hereges, catolicismo e sincretismo religioso.
- *Desenvolvimento da pesquisa*: Nesse momento os alunos são apresentados a proposta de atividade na qual eles vão ser divididos em quatro grupos distintos. Nesse caso, os estudantes devem realizar pesquisas sobre uma instituição ou manifestação religiosa específica do período colonial, seguindo a orientação básica:
 - História (data de fundação, quem fundou etc.).
 - Em que acreditam (doutrinas, funcionamento etc.).
 - Em que momento é possível notar a presença dos elementos apresentados no texto e quais são eles.
 - Imagens.
- *Conclusão*: A pesquisa deve ser elaborada e apresentada utilizando o recurso tecnológico do *Power Point*. Cada grupo apresentará em sala a finalização do projeto. Após as

mediações com o professor, os alunos devem participar do processo de construção do *blog*, como o demonstra a imagem a seguir:



Como se vê na imagem da página de abertura do *blog*, pretende-se que ao final desse processo, os alunos possam ter presentes o campo da iniciação à pesquisa histórica com base nas fontes pesquisadas pelos mesmos. Propõe-se também que seja vislumbrada a possibilidade da inserção das Tecnologias da Informação e da Comunicação como parte integrante das metodologias de ensino de História.

Considerações finais

Este artigo se propôs a oferecer uma contribuição para a reflexão sobre o emprego das tecnologias de informação e comunicação na prática da disciplina de História. Ele visou demonstrar como uma ferramenta de internet, no caso, o *blog*, pode ser usada como parte de uma metodologia de ensino que busque o estabelecimento do diálogo entre os conhecimentos produzidos por professores e alunos.

Hoje, os indivíduos passam a ter a possibilidades de, através de um clique, estabelecer contato com conteúdos produzidos em todo o mundo. Por isso, sua influência sobre a produção e a aquisição de conhecimento não pode ser negada. Neste contexto, essa temática também aponta para a questão do papel do professor como mediador frente ao conteúdo encontrado em diversos *sites* sobre História, e aos estudantes (Almeida e Grinberg, 2009). A constituição de uma relação de troca entre estes dois atores permite que os alunos tenham a liberdade para buscar informações, em razão do domínio dos recursos, mas também que eles tenham também a liberdade para “filtrar” seus conteúdos.

Como ressaltam Mamede-Neves e Duarte (2006), o docente acaba por ser o responsável pela construção de metodologias de ensino que consigam instituir um diálogo entre o currículo escolar formal e os recursos de interação presentes nas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Deve-se observar que este tema não se constituiu em uma questão fechada, pois a História, em razão da pluralidade de fontes disponíveis, também no mundo virtual, permite que sejam desenvolvidos ainda diferentes métodos de produção e de circulação do conhecimento histórico.

Referências

- ALMEIDA, Anita Correia Lima de Almeida; GRINBERG, Keila. “As webquests e o ensino de história”. In: ROCHA, Helena, *et al.* (orgs.), *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- BAIGENT, M.; LEIGH, R. *A inquisição*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BARRETO, Raquel Goulart. *Discursos, tecnologias, educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em 20 de abr. 2010.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em 20 abr. 2010.
- BRESSOUX, Pascal. “As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor”. In: Belo Horizonte: *Educação em Revista*, n.38, dez 2003, p.17-88.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 3ª ed., 2000.
- COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005.
- DELORS, Jacques. *Educação, um tesouro a descobrir*. In: UNESCO. Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, 1996. Disponível: <http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>. Acesso em fev.2010.
- FORQUIN, Jean-Claude. “Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais”. In: Porto Alegre: *Teoria & Educação*, n.5, 1992, p. 28-45.
- HERMANN, Jacqueline. “História das religiões e das religiosidades”. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs.), *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- KNAUSS, Paulo. “Sobre a norma e o óbvio”. In: NIKITIUKI, Sônia (org.), *Repensando o saber histórico*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2ª ed., 1999.
- MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos; DUARTE, Rosalia. “O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola”. In: Campinas: *Educação & Sociedade*, v. 29, n. 104, out. 2008, p. 769-789.
- PRETTO, Nelson. “Educação e inovação tecnológica: um olhar sobre as políticas públicas brasileiras”. In: Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Educação*, n.11, mar./ago. 1999, p.75-85.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Identidade nacional: religiões e expressões culturais, a criação religiosa no Brasil”. In: LAMARÃO, Sergio (org.). *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. São Paulo: Graal, 1985.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, Camila da Silva. *Aprendendo a viver junto: pluralidade cultural religiosa e ensino de história*. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em História. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Jun. 2010.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José. *A formação do Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Resumo: O presente artigo aborda o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, como a internet, no desenvolvimento de metodologias para o ensino de História. Nesse contexto é apresentada a proposta de criação, para alunos do Ensino Médio, do blog *Pluralidade Cultural Religiosa* que se caracteriza como um espaço de debate sobre a pluralidade religiosa no Brasil Colonial. A partir do encontro de culturas religiosas na colônia portuguesa foi possível formar uma religiosidade particularmente brasileira em que se misturam elementos europeus, indígenas e africanos. Ao longo do texto são feitas reflexões acerca das relações entre professores e alunos, como também novas possibilidades de produção e circulação do conhecimento.

Palavras-Chave: Ensino de história; Internet; Ensino médio; Pluralidade religiosa.

Abstract: This article discusses the use of Information and Communication Technologies information technologies, such as the Internet, to develop methodologies for the teaching of history. In this context it is submitted for creation, for high school students, the blog *Cultural Religious Plurality* which is characterized as a forum for debate on the plurality of religion in Colonial Brazil. From the meeting of religious cultures in the portuguese colony was possible to form a particularly Brazilian religion that mixes elements Europeans, Indians and Africans. Throughout the text are made reflections about the relationship between teachers and students, as well as new possibilities of production and circulation of knowledge.

Keywords: History teaching; Internet; High school; Religious plurality.

Recebido em: 10/08/2011

Aceito em: 26/02/2012